

**Literatura:  
modos de resistir**

**Todos os direitos desta edição reservados.**

Copyright © 2021 da organização:

Douglas Rosa da Silva, Rejane Pivetta e Rita Lenira Bittencourt.

Copyright © 2021 dos capítulos: suas autoras e autores.

**Coordenação editorial**

Roberto Schmitt-Prym

**Conselho editorial**

Betina Rodrigues da Cunha — UFU

João Cezar de Castro Rocha — UERJ

Maria Elizabeth Mello — UFF

Maria de Fátima do Nascimento — UFPA

Rachel Esteves de Lima — UFBA

Regina Zilberman — UFRGS

Rogério da Silva Lima — UNB

Socorro Pacífico Barbosa — UFPB

Cassia Maria B. do Nascimento — UFAM

Helano Jader Ribeiro — UFPB

**Projeto gráfico**

Mário Vinícius

**Capa**

Mário Vinícius

Larissa Rezende (estagiária)

**Diagramação**

Mário Vinícius

Larissa Rezende

**Equipe de revisão**

Israel Augusto de Castro Fritsch

Luiza Oliveira

Marcos Lampert Varnieri

Viviane Geriboni

**Como citar este livro (ABNT)**

SILVA, Douglas Rosa da; PIVETTA,

Rejane; BITTENCOURT, Rita Lenira (org.).

*Literatura: modos de resistir*. Porto Alegre:

Bestiário / Class, 2021.

**BESTIÁRIO**



Rua Marquês do Pombal, 788/204  
CEP 90540-000  
Porto Alegre, RS, Brasil  
Fones: (51) 3779.5784 / 99491.3223  
[www.bestiario.com.br](http://www.bestiario.com.br)

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD**

L776      Literatura, modos de resistir [recurso eletrônico] / organizado por Douglas Rosa da Silva, Rejane Pivetta, Rita Lenira Bittencourt. - Porto Alegre : Class, 2021.  
776 p. ; PDF ; 4,4 MB.

Inclui bibliografia e índice  
ISBN: 978-65-88865-80-4 (Ebook)

1. Literatura brasileira.
2. Ensaio. I. Silva, Douglas Rosa da. II. Pivetta, Rejane.
- III. Bittencourt, Rita Lenira.
- IV. Título.

2021-3518      CDD: 869.94  
CDU: 82-4(81)

Elaborado por Wagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410

**Índice para catálogo sistemático:**

1. Literatura brasileira : Ensaio 869.94
2. Literatura brasileira : Ensaio 82-4(81)



O presente trabalho foi realizado com o apoio do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior — Brasil (CAPES), do Centro de Estudos Europeus e Alemães (CDEA) e da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul (FAPERGS).

Os organizadores deste volume não se responsabilizam pelo conteúdo dos artigos ou por suas consequências legais. Os textos que compõem este volume são de responsabilidade de seus autores e não refletem necessariamente a linha programática ou ideológica da Editora Bestiário ou da Associação Brasileira de Literatura Comparada. A Associação e a Editora se abstêm de responsabilidade civil ou penal em caso de plágio ou de violação de direitos intelectuais decorrentes dos textos publicados, recaindo sobre os autores que infringirem tais regras o dever de arcar com as sanções previstas em leis ou estatutos.

## Apresentação

Douglas Rosa  
Rejane Pivetta  
Rita Lenira de Freitas Bittencourt

O XVI Congresso Internacional da Associação Brasileira de Literatura Comparada, realizado em 2020, pela primeira vez na história aconteceu de forma totalmente virtual. A pandemia de coronavírus impediu que os participantes do evento pudessem se reunir nos espaços da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em Porto Alegre. No entanto, essa contingência não impediu que a comunidade acadêmica se mobilizasse em torno das discussões sobre os estudos literários comparatistas, sob o tema geral *Diálogos Interdisciplinares: Literatura, Ciências Humanas, Cultura e Tecnologia*. De certa forma, as discussões *online*, ocorridas nas conferências, mesas-redondas e nos simpósios acrescentaram outros sentidos às questões propostas pelo congresso, relativas a reflexões sobre geopolítica cultural, internacionalização das literaturas, suas diferentes manifestações e linguagens no mundo globalizado. Se perdemos o calor do abraço e o encontro dos corpos, por outro lado, a mediação das telas nos ensinou novos jeitos de olhar, a si e ao outro, permitindo, de algum modo, ecoar as vozes e circular as ideias, para além das fronteiras físicas. daquelas conexões feitas à distância, necessárias para a contenção do vírus, fica a memória de um tempo confinado, mas também a demonstração do desejo que promove os encontros possíveis entre pessoas de diferentes lugares do planeta. Essa circunstância, somada ao emaranhado das complexas questões contemporâneas, inevitavelmente convoca o campo da Literatura Comparada a pensar novos agenciamentos teóricos, críticos e éticos, que operem transformações na ordem do mundo, na perspectiva da diversidade, da alteridade e da “partilha do sensível”, nos termos de Rancière.

O trânsito e o intercâmbio de experiências acadêmico-científicas desdobram-se na publicação dos volumes temáticos que coligem os trabalhos apresentados no congresso. Este volume, intitulado *Literatura: modos de resistir*, contempla um conjunto de textos em torno da ideia da literatura como um gesto político de resistência. Os ensaios aqui reunidos apresentam, sob diferentes enfoques teórico-críticos,

reflexões e análises que põem em pauta o papel da literatura frente às forças de dominação que insistem em atuar no controle dos corpos e na anulação das subjetividades.

A primeira parte, “Memória e totalitarismos”, concentra os ensaios que tratam de temas relacionados à permanência das várias formas de opressões, sejam as derivadas da herança colonial, sejam aquelas dos períodos de exceção, como a ditadura. Os ensaios abordam os modos como escritores e escritoras, de diferentes continentes, dão forma às experiências e percepções do passado, iluminando, nas palavras de Walter Benjamin, os “momentos de perigo” do presente, sob permanente ameaça autoritária. Os estudos da memória, do ponto de vista das construções literárias, mobilizam uma série de conceitos, tais como testemunho, trauma, arquivo, exílio, fantasmagoria, entre outros, para dar conta dos processos de recordação de eventos significativos da experiência humana individual e coletiva. Nas discussões sobre a memória, estão presentes, de maneira intrínseca, os mecanismos de esquecimento, implicados nas estratégias de sobrevivência, a fim de que a lembrança do sofrimento insuportável não impeça os sujeitos e as sociedades de reconstruírem suas trajetórias, evitando a repetição dos acontecimentos dolorosos. De outra sorte, é preciso considerar também as políticas de silenciamento, apagamento e manipulação da memória, sob a forma de revisionismos históricos que minimizam as violências perpetradas pelos regimes totalitários. Estas são algumas das problematizações levantadas nos artigos desta seção, afeitas ao comparatismo, uma vez que acentuam cruzamentos de campos disciplinares e artísticos, trazendo à cena enfrentamentos éticos, políticos e estéticos que convocam a literatura – e quem dela se ocupa – a escrever outros passados e inventar novas histórias para o presente e o futuro.

Em relação à segunda parte, intitulada “Subalternidade e dissonância”, o conjunto de ensaios desenvolve os pressupostos teóricos da subalternidade, derivados inicialmente das postulações gramscianas, que incluíram, nos anos finais do século XX, na cena política de um capitalismo amplo e global, as questões levantadas por Gayatri Spivak, por exemplo, sobre a necessidade de se dar voz aos grupos periféricos – migrantes, estrangeiros e pobres em geral, dependentes dos mercados financeiros já então disseminados e de localização imprecisa. Ainda mais próximos do contexto brasileiro, os variados debates a respeito do imaginário colonial/decolonial e

as revisões daí decorrentes, envolvendo as negociações culturais das micropolíticas locais, percorrem caminhos transdisciplinares e conjugam, por exemplo, em contexto interdisciplinar, história, antropologia, psicanálise, geografia, tradução e literatura. Assim, na multifacetada investigação dos espectros identitários que invadem o campo do simbólico, nos rastros subjetivos que marcam os corpos indígenas, negros, de mulheres, dá-se a ver e a ler poéticas híbridas, escrituras polifônicas de sexualidades e afetos e também as imagens que incidem sobre o saber e o dizer da condição marginal/marginalizada. Em movimentos de retroflexão e dissonância, poéticas, escrituras e imagens se consolidam e passam a ser produzidas pelos próprios grupos minoritários.

Na terceira parte, intitulada “Ficção e errância”, os artigos apresentam abordagens críticas que se mostram consonantes com os estudos interartes. Nas diversas aberturas e linhas de fuga que vão sendo suscitadas pelas análises, é possível verificar a força e a irredutibilidade das correspondências dadas entre literatura e biografia, psicanálise, estudos de performance, história política e econômica. Por isso, é recorrente, nessas reflexões, um trabalho analítico que se ocupa em explorar as analogias formais e as distintas transposições de recursos estilísticos e estruturais dos objetos estudados. Além disso, e tendo em vista que um dos objetivos dos estudos interartes é também abordar fenômenos que lançam um olhar para as práticas socioculturais, pode-se dizer que uma reflexão crítica acerca dos contextos políticos e culturais aparece como uma característica desses textos. Os lugares de passagem, os espaços de troca, os deslocamentos interartísticos e discursivos, os inúmeros disfarces ficcionais, o conhecimento que se produz no *limiar* dos gêneros e das formas, a escritura como exercício de sociabilidade e recordação vivida, e os aspectos performáticos da escrita literária marcam os contínuos atravessamentos realizados por esse conjunto de textos. Portanto, é por meio desse plural combinatório das diferenças e desse horizonte de possibilidades, que o fazer ficcional é impulsionado pelos movimentos de errância, e a errância vê os seus rastros corporificados pelo “fazer” ficcional.

As três partes do livro, por conseguinte, em fruição e em diálogo, encenam um gesto crítico às hegemonias, sejam elas políticas, identitárias, ou do campo artístico. A partir de entrecruzamentos diversos, a resistência é o fio e o campo fértil onde o exercício com

as alteridades se desenvolve. Nesses espaços em que o resistir se inscreve como potência, a construção de novas cartografias epistemológicas se mostra possível. À vista disso, outros *modos de resistir*, cada vez mais plurais e diversos, vão refazendo e ampliando, ininterruptamente, memórias, subalternidades e ficções, além de, em perspectiva ampla, fomentarem, através dos encontros periódicos entre comparatistas, a publicação dos movimentos textuais de múltiplas pesquisas.